

Gestos com os pés: descrição de uma listagem*

Isabel Galhano

irodrig@letras.up.pt

Faculdade de Letras / Centro de Linguística da Universidade do Porto

ABSTRACT:

Following a linguistic approach of gesture studies, this paper presents a case that bears witness to the robustness of gesture. It describes a listing procedure, recurrent in discourse organization, which consists in the production of a sequence of units characterised by syntactic, prosodic and gestural parallelism. In this example the speaker (a victim of Thalidomide) has no upper limbs, but he gesticulates with his feet. The analysis of the modalities involved in the listing activity will show that feet gestures can assume the functions performed by manual gestures. The example points out not only the tight link between gesture and speech, but also the embodiment of the listing activity, resulting from the necessity to index ideas or objects to the real world.

KEY-WORDS: feet-gestures; listing gestures; gesture studies; multimodality in face-to-face interaction

RESUMO

Numa abordagem linguística dos estudos do gesto, apresenta-se um estudo de caso que testemunha a robustez do gesto. Será descrita uma listagem, uma atividade comum de organização do discurso, que consiste na enunciação de uma sequência de unidades caracterizadas por paralelismo sintático, prosódico e gestual. Neste exemplo, o falante (vítima da Talidomida) não tem membros superiores, mas gesticula com os pés. Através da análise das modalidades envolvidas na execução da listagem, mostra-se como os gestos dos pés assumem as funções desempenhadas pelos gestos manuais. O exemplo evidencia não só a forte ligação entre gesto e fala, mas também a corporização da atividade de listar, resultante da necessidade de indexar ideias ou objetos ao mundo real.

PALAVRAS-CHAVE: gestos dos pés; gestos de listar; estudos do gesto; multimodalidade na interação face a face

*Para o Álvaro.

Introdução

Quando falamos, gesticulamos. A informação que provém da boca é captada pelos ouvidos, a que parte das mãos é percebida pelos olhos. Ou seja, também ouvimos os gestos. Só não os ouvimos se fecharmos os olhos. Assim explica Godwin-Meadow (2003: 241) o entrelaçamento entre gesto e fala. Esta ligação intrínseca entre fala e gestos tem vindo a ser explorada em diferentes abordagens dentro da área dos estudos do gesto, em análises de registos de eventos comunicativos feitos em contextos naturais (Kendon, 2004; Streeck, 2009; de Ruitter, 2007) e em contextos experimentais (McNeill, 1992; Goldin-Meadow, 2003; Kita; Özyürek, 2003). De forma resumida, esta ligação justifica-se pelas seguintes razões: o gesto coordena-se com os elementos da fala semanticamente correlacionados (Kendon, 2004); o gesto reflete os padrões linguísticos (Özyürek; Kita, 1999; Kita; Özyürek, 2003); a sincronização entre gesto e fala depende dos parâmetros temporais da língua falada (McNeill; Duncan, 2000); o gesto aligeira a carga cognitiva do falante, poupando esforços que podem ser usados para outras tarefas, e fomenta a mudança a nível cognitivo (Goldin-Meadow, 2003: 184 segs.); apoia o falante na estruturação da sua mensagem e fornece uma visão das representações mentais, assim como a informação essencial sobre eventos concretos (Goldin-Meadow, 2003: 15-16); por conseguinte, favorece a atividade de percepção da mensagem pelo ouvinte/observador (Goldin-Meadow, 2003: 97 segs.); o gesto desempenha um papel essencial na aquisição da linguagem, porque a partir do momento em que as crianças começam a pronunciar as primeiras palavras isoladas, se une à fala, formando um só sistema caracterizado por coerência semântica e temporal (Goldin-Meadow, 2003: 208 segs.; 2016). A integração do gesto na produção verbal e a sua robustez estão também patentes na gesticulação dos cegos de nascença, que apresenta características semióticas idênticas às da gesticulação dos normovisuais (Goldin-Meadow, 2003: 141 segs.).

O que acontece, então, quando um indivíduo não tem membros superiores? Melhor, quando nunca teve membros superiores? Será que a modalidade alternativa aos gestos manuais – neste caso, os gestos executados com os pés – se coordena, de idêntico modo, com a fala e se encontra ligada ao sistema conceptual subjacente? Foram estas questões que coloquei ao

observar um indivíduo sem membros superiores que gesticulava com os pés. Os seus gestos espontâneos eram ações visíveis coordenadas com a fala, em que os pés substituíam de modo tão eficaz os membros superiores, que não causavam estranheza. Pedi a AC (o falante em questão) o seu consentimento para analisar os seus gestos e, tendo-o obtido, realizamos algumas gravações. Estou-lhe muito grata por ter proporcionado os conteúdos para a concretização deste estudo, que foi apresentado à academia pela primeira vez em 2007¹. Numa primeira análise dos registos feitos, pude verificar que os gestos executados com os membros inferiores se coordenam de facto com a fala e com outras modalidades cinésicas (como as expressões faciais e os movimentos do torso e da cabeça), comportam iconicidade e desempenham funções pragmáticas de forma semelhante aos gestos coverbais manuais, sobretudo aos mais recorrentes (Ladewig, 2014). Para a elaboração deste primeiro artigo, escolhi a sequência de uma listagem, uma estratégia discursiva comum, da qual sobressai a função pragmática do gesto na organização do discurso.

Os fundamentos teóricos da análise que aqui se apresenta provêm da área dos estudos do gesto (Mülleret al, 2013, 2014); a identificação e descrição dos gestos baseia-se em Kendon (2004; 2013), que sugere grupos de gestos de acordo com as suas características semióticas e funções pragmáticas que, por sua vez, implicam diferentes formas de relacionamento com os elementos da fala. Este assunto será brevemente apresentado na secção 1. Segue-se, na secção 2., a descrição do *corpus* e, na secção 3., a micro-análise das modalidades envolvidas na execução de uma listagem. Termina-se o trabalho com uma conclusão e informações breves relacionadas com aspetos neurológicos desta forma de gesticular.

1. Gestos coverbais

Já é do senso comum que gesto² e fala partilham um mesmo sistema

¹ Este estudo foi apresentado em 2007 na terceira conferência da ISGS (International Society for Gesture Studies) *Integrating Gestures*, Northwestern University, Chicago, USA, June 18–21, 2007) e, dez anos mais tarde, no Colóquio Internacional de Homenagem ao Professor Óscar Lopes, realizado a 6 e 7 de junho de 2017, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

² Na linguagem comum, a palavra *gesto* é geralmente usada como sinónimo de gesto emblemático, um tipo específico de gesto espontâneo cujo significado e características formais estão convencionalizadas (Galvão, 2015: 552). Como termo científico da área dos estudos do gesto, a palavra refere a ação visível (sobretudo a que é executada

conceptual subjacente (Müller, 2013; Streeck, 2009) e que certos aspetos de uma mensagem não são exclusivamente determinados pelo falante/ator, mas também condicionados pelas respetivas experiências corporais no contexto envolvente (Enfield, 2011; Streeck, 2009). Experiências corporais, hábitos motores, manipulação de objetos e interação social são fatores determinantes para a conceptualização de dimensões abstratas, para a sua corporização e para o desenvolvimento da linguagem (Alibali, 2014). É através das ações sensório motoras que se desenvolvem capacidades cognitivas, como a perceção e categorização, sendo os gestos um tipo específico de ações físicas num contexto social estreitamente ligadas ao desenvolvimento cognitivo da linguagem. Outras aptidões que se desenvolvem na interação social e da experiência de comunicar através das modalidades corporais disponíveis (como a fala, gestos manuais, movimentos da cabeça, orientação do olhar, expressões faciais e postura) são as que possibilitam a compreensão mútua ou o desenvolvimento de sensibilidade interpessoal. Ou seja, as aptidões de um indivíduo não só para produzir pistas de contextualização através das modalidades cinésicas e de variações prosódicas correlacionadas com as palavras dos enunciados de acordo com as suas intenções comunicativas, mas também para, simultaneamente, percecionar as intenções comunicativas do seu interlocutor através das pistas de contextualização que este fornece (Gumperz, 1992).

1.1. Como o gesto se relaciona com a fala

Nem todos os gestos manuais são executados com a intenção de transmitir uma mensagem (com ou sem fala). Alguns resultam da expressão espontânea de emoções e atitudes, não fazendo parte da intenção comunicativa de um falante – como é o caso dos *Butterworths*, gestos que emergem em momentos de falhas na produção verbal, expressando o esforço cognitivo na estruturação do enunciado ou na procura de palavras (McNeill, 1992: 77), podendo ser designados por pausas cheias, mesmo não sendo acompanhados por vocalizações (Galhano-Rodrigues, 2007: 185). Outros gestos estão diretamente envolvidos na produção do enunciado e nele integrados,

com os membros superiores) que participa na produção do enunciado e é parte dele, ou seja, a gesticulação que acompanha a produção verbal e se relaciona com o conteúdo do enunciado (Kendon 2004; McNeill, 1992).

relacionando-se com o conteúdo ou com a sua estrutura. Por este motivo, são designados por co-verbais. Segundo a proposta de Kendon (2013) de agrupar os gestos conforme a sua relação semântica e/ou pragmática com a fala, os gestos distinguem-se por terem prioritariamente ou propriedades referenciais, ou pragmáticas: os primeiros estão semanticamente relacionados com o significado referencial ou proposicional do enunciado, ou com características semânticas do enunciado que não são parte do significado referencial; os segundos não expressam significados correlacionados com objetos, ações, ou referências a lugares. O grupo dos gestos referenciais abrange os emblemáticos (de significado mais convencionalizado, podendo substituir a fala), os deícticos (gestos de apontar) e os descritivos (que representam, desenham ou modelam características semânticas do referente) (Kendon, 2004: 158, 2013). No desempenho de funções pragmáticas³ destacam-se os gestos estruturantes ou batuta (*beats*, McNeill, 1992; *batonic movements* ou *parsing gestures*, Kendon, 2013), que marcam o ritmo e enfatizam partes do enunciado, os gestos operadores, que acrescentam informação sobre a atitude do falante relativamente ao conteúdo do enunciado, os gestos performativos, ligados a um valor ilocutivo do enunciado (de pedir, perguntar, interrogar, censurar ou de dar uma ordem), os gestos modais (ou metacomunicativos), que dão informações sobre o conteúdo ou sobre o referente do enunciado, e os gestos interativos, que organizam o discurso e a alternância de vez (Kendon, 2013). Atendendo às propriedades polifuncionais dos gestos, qualquer gesto pode ser combinado (*blend*) quando as suas propriedades (por exemplo, a configuração da mão e o percurso do golpe) permitem que seja inserido em mais do que um só grupo (Kendon, 2004; Galhano-Rodrigues, 2012; Galvão, 2015). Muitos gestos com funções pragmáticas também têm propriedades icónicas, mais ou menos acentuadas, que parecem derivar de experiências corporais no mundo físico. A recorrência de alguns destes gestos faz com que estejam agrupados de acordo com características formais dominantes. Um exemplo são os gestos que Streeck (2009) descreve como *Open Hand Supine* (gesto de mão aberta, palma orientada para cima) um resquício de “*ceivings*”, formas de pren-

³ Note-se que os gestos com funções pragmáticas (que não são o mesmo que gestos pragmáticos) podem relacionar-se de vários modos com as características do significado do enunciado que não são parte do seu significado referencial ou conteúdo proposicional (Kendon, 2004: 158; Payrató; Teßendorf, 2014: 1532).

der, apreender e de conceber. São gestos em que as mãos ajudam o falante a pensar e a apreender conceitos, com base no seu conhecimento do mundo (Streeck, 2009: 151). Kendon refere-se a famílias de gestos, como os *G-gestures*, gestos em forma de pinça (*grappolo*) (Kendon, 1995, 2004: 231), ou de mão aberta palma orientada para cima (*Open Hand Supine gestures*), ou de mão aberta palma para baixo (*Open Hand Prone gestures*) (Kendon, 2004: 248 segs.; Müller, 2004), os primeiros com o significado de apresentar alguma coisa, partilhando-a convidando à atenção conjunta (Müller, 2004: 252), os segundos com o significado nuclear de cortar uma linha de ação (Kendon, 2014: 282). Estes gestos são entendidos como resultando de experiências físicas no mundo envolvente e encontram-se corporizados em representações mentais (Zatlev, 2013). Apresentam um elevado grau de convencionalidade (Kendon 2014: 282), como o caso do gesto de mão aberta palma para cima, que, acompanhado por um encolher dos ombros e por uma expressão facial específica, já tem uma representação iconográfica “globalizada” com o significado de “não sei”: $\backslash _ (\Psi) _ /$. Também os gestos de listar, recorrentes na atividade de enumerar vários elementos ou ideias, refletem experiências corporais com objetos concretos. São descritos como corporizando a necessidade natural e espontânea de ligar as ideias ao mundo real (Goldin-Meadow, 2003: 164), reduzindo a carga cognitiva.

No *corpus* em análise, detetou-se um momento em que o falante realiza uma listagem, expressa não só por elementos verbais, mas também por ações dos membros inferiores (sobretudo do pé direito). Com o objetivo de averiguar se, na atividade de listar, as ações dos pés se comportam de forma idêntica às ações das mãos, resolvi analisar detalhadamente este fenómeno, que será descrito no capítulo 2. A secção seguinte fornece uma descrição mais específica sobre a forma como gesto e fala estão envolvidos nesta atividade organizadora do discurso.

1.2. Gestos de listar

A enunciação de uma lista de itens (objetos, ideias, argumentos, etc.) caracteriza-se por paralelismo sintático, prosódico e cinésico (i.e., relativo aos movimentos do corpo, gestos, olhar, movimentos da cabeça) (Galhano-Rodrigues, 2015: 255 segs). Cada parte de uma lista é composta por ele-

mentos linguísticos (palavras, sequências de palavras ou frases mais longas) de estrutura sintática idêntica; constitui uma unidade entoacional, que se caracteriza por um padrão prosódico específico, de altura de tom ascendente no contorno final. A proeminência prosódica de cada parte da lista (de maior altura de tom ou maior intensidade da voz) coincide com a verbalização do item listado, que, tendencialmente, é o referente mais importante. Os gestos envolvidos nesta atividade, designados por “gestos de listar” (Galhano-Rodrigues, 2015: 255) fornecem as pistas visíveis sobre o enunciado. Os seus golpes acompanham o ritmo do enunciado verbalizado e apresentam características específicas que seguem um sistema próprio. No caso do português europeu, de outras variedades da língua portuguesa, assim como de outras culturas do sul da Europa, acontece que, em cada golpe, os dedos de uma mão são sucessivamente tocados, ou pressionados pelo dedo indicador da outra mão, começando pelo dedo mínimo e terminando com o polegar. A partir do momento em que o falante executa o primeiro gesto de listar, o ouvinte infere o tipo de atividade que vai ser realizada e prepara-se para ouvir uma sequência limitada de elementos. Além de fornecer pistas de interpretação ao ouvinte/observador, estes gestos apoiam o falante na organização do discurso, aligeirando o esforço cognitivo de ter mentalmente presentes os elementos da lista que quer comunicar ao ouvinte/observador. Muitas vezes, cada gesto de listar é acompanhado por uma inclinação da cabeça. Ambas as modalidades coincidem temporalmente com os momentos de proeminência prosódica (Galhano-Rodrigues, 2015: 272). Deste modo, cada elemento constitutivo (ou parte) da listagem está marcado, de forma idêntica, através de modalidades de diversa natureza. Numa perspetiva do contexto interacional, considerando ainda a perceção do enunciado pelo ouvinte/observador, a repetição de cada composto multimodal da lista pelo falante/ator confere ao enunciado um ritmo que, por sua vez, cria expectativas no seu interlocutor, orientando a sua atenção para o que vai ser dito a seguir (Auer; Couper-Kuhlen, 1994: 82 segs.; Galhano-Rodrigues, 2007: 175). Além disso, esta marcação tem um efeito coesivo sobre a totalidade dos elementos constitutivos da lista, mostrando ao ouvinte/observador as partes que a compõem. Por outras palavras, estrutura frásica, características prosódicas e movimentos do corpo co-verbais funcionam como dispositivos de contextualização, através dos quais o falante informa o(s) parceiro(s) da interação sobre

o tipo de atividade que realiza.

2. Sujeito analisado, corpus e método de análise

O corpus em análise consiste numa passagem com a duração de 00:00:52, selecionada do seguinte registo vídeo:

ref.	AC/2/2007	formato/ Mb	Mpeg / 1440x1080 / 48.000Mz // 120 MB
data	4-04-2007	câmara	Sony handycam DCR-PC110 mini DV
local	Porto; res. AC	duração	34'57"
part.	AC; IG		

O sujeito em questão, AC, é vítima da Talidomida, um produto da indústria farmacêutica, que, nos anos 50, era prescrito às mulheres grávidas para combater enjoos matinais, causando a síndrome de focomelia, um problema congénito que impede a formação dos membros superiores e inferiores. AC tem uma escoliose forte, uma formação deficiente dos membros inferiores, sendo estes de diferentes dimensões, e não tem braços nem mãos. Como alternativa aos membros superiores, usa os inferiores na execução de diversas atividades, como escrever no teclado do computador, manipular objetos e “gesticular”. Na produção do enunciado executa ações visíveis com os pés, envolvendo ainda movimentos da cabeça, sobancelhas, ombros e a orientação do olhar. À semelhança dos gestos manuais de indivíduos com braços, a modalidade mais diretamente ligada às ideias expressas na fala e com elas coordenada é a movimentação dos pés e dos dedos dos pés, com os quais executa movimentos amplos, em diferentes planos espaciais.

A análise foi feita com o software de anotação de vídeo e áudio ELAN (Slotjes; Wittenburg, 2008). Para a análise do sinal acústico, recorreu-se ao software PRAAT (2008) e para a transcrição prosódica da fala, a uma versão simplificada do sistema de transcrição prosódica GAT (Selting et al., 1998) adaptado ao português (Galhano-Rodrigues, 2007). As unidades cinésicas analisadas foram os movimentos dos membros inferiores, da cabeça e dos ombros, assim como a orientação do olhar correlacionados com a fala; na

descrição dos movimentos dos pés considerou-se o pé direito, o pé mais ativo, visto o pé esquerdo não ter a mesma mobilidade. As unidades de análise foram classificadas de acordo com a sua pertença aos grupos de gestos descritos sob 2.

3. Microanálise da listagem

Como referido, o segmento escolhido para a presente análise foi uma breve atividade de listagem (linhas 14–27). Para dar maior transparência a esta análise, apresenta-se a respetiva transcrição prosódica, correspondendo cada linha a uma unidade entoacional (Galhano-Rodrigues, 2007: 222). Na transcrição inclui-se a descrição dos movimentos coverbais, os mais relevantes ilustrados através dos fotogramas 1-9. A descrição da sequência divide-se em dois subcapítulos: o primeiro correspondente a uma fase preparatória de estruturação do discurso, o segundo à própria listagem.

3.1 - Estruturação do discurso: hesitação

14. -isto `é - eh : : : -

|_____||

pé apoiado no chão, ergue e volta a baixar os dedos, contraídos, um por um, começando com o dedo grande e depois no sentido inverso – dois movimentos semi-circulares; desvia olhar para cima e move ligeiramente a cabeça para a esquerda

15. (inspiração profunda) - eh : : `eh `eh

|_____|| |_____||

Mantém mantém a posição do pé, assim como a orientação do olhar e da cabeça

mantendo configuração do pé, repete movimentos precedentes, de um lado para o outro, elevando e baixando os dedos dos pés, um por um; orienta a cabeça e o olhar para a frente

Preparação para a listagem (fotograma 1): à execução de alguns movimentos de sobe-e-desce alternado com os dedos dos pés contraídos segue-se uma paragem (congelamento do gesto), em que o pé se mantém elevado, com o dedo maior retraído; simultaneamente, o falante orienta o olhar para cima/lado. As características destas modalidades (congelamento do gesto e orientação do olhar⁴) são indicadores recorrentes de esforço cognitivo, mostram que o falante se encontra num processo de estruturação do discurso (Galhano-Rodrigues, 2007: 255). A forma como movimenta todos os dedos dos pés antes da paragem tem certa iconicidade, porque inspira a ideia de pluralidade, certamente correlacionada com as ideias que precisam de ser organizadas.

3.2 - Listagem

16. - aslimita`ção :: s :: - `eh :: :

|_____||
|

orienta olhar para cima/frente, depois para cima/esq.; ergue ligeiramente sobrançelas vira ligeiramente cabeça para dir, apoia pé dir. no chão, dedo grande mais estirado que os outros (acompanhando a verbalização de "limitações") – 1º elemento da listagem; seguem-se leves acenos com cabeça

17. de `de ´de -

|_____||
|

vira cabeça para cima, ligeiramente voltada para dir.; orienta olhar para cima; sobrançelas erguidas; mantém o pé apoiado no chão, dedo grande ligeiramente elevado

⁴ A orientação do olhar para cima-lado verifica-se também num segundo momento de hesitação, após a verbalização da primeira unidade da listagem (ver fotograma 3, linhas 17 e 18 da transcrição), revelando um momento idêntico de estruturação do discurso.

18. ((inspiração)) - a FAL`ta - de=experiÊN :: : cia -

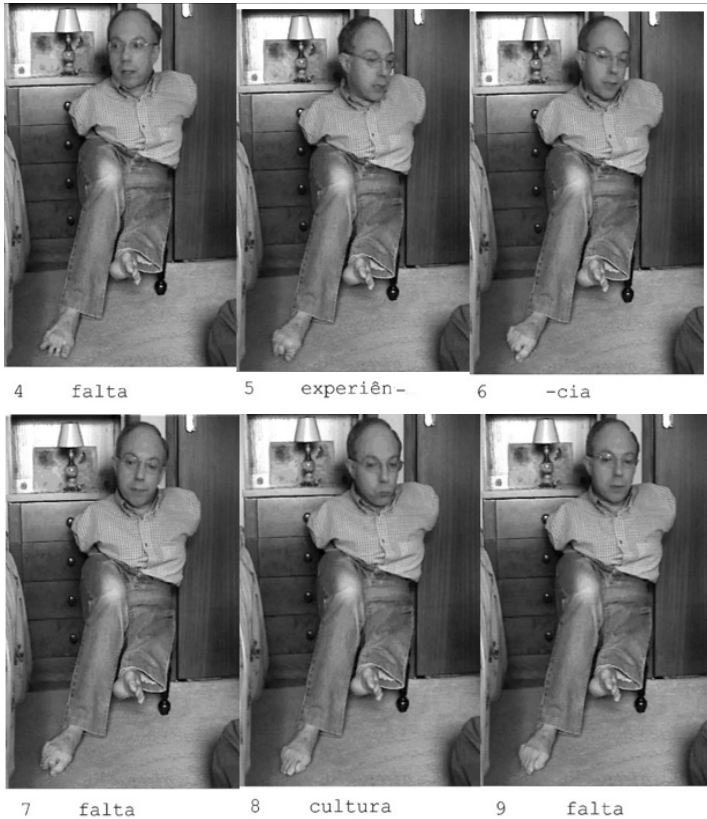
_____	_____	_____
vira cabeça para frente; mantém orientação do olhar; ergue pé dir. e estira dedo grande	começa a virar cabeça para dir/baixo; toca chão com 2º dedo (2º elemento da listagem)	vira cabeça para esquerda e encolhe ombro esquerdo; eleva o pé e começa a começa a baixá-lo de novo; orientação do olhar para dir/baixo toca chão com 2º dedo (2º elemento da listagem)

19. - afALta de – cultU :: : `ra = <<a> a falta'

_____	_____	_____
cabeça para direita, inclina-a para esq/baixo; toca o chão com dedo grande e desliza o 3º dedo sobre o chão, da frente para trás (3º item da listagem)	ergue de novo a cabeça; ergue ligeiramente o pé; orienta olhar para baixo	toca levemente o chão com os 4º e 5º dedos – estirando-os para a frente e fletindo-os a seguir para trás (esboço de um 4º elemento de listagem)



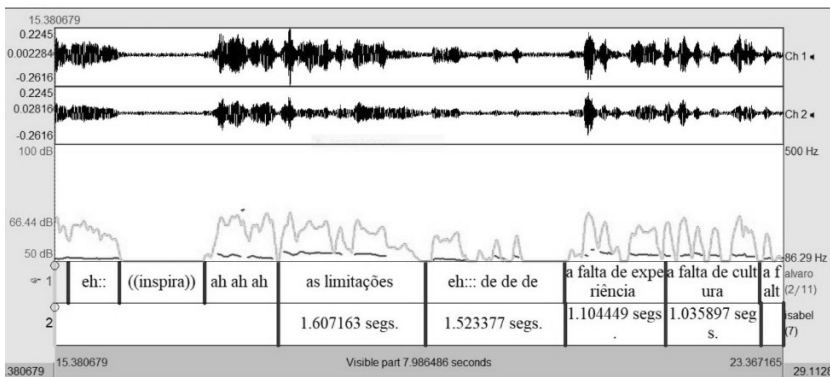
1 eh:: 2 limitações 3 ((inspira))



A sequência transcrita nas linhas 16-19 corresponde à listagem de três argumentos, que vão justificar a opinião do falante, anteriormente expressa, sobre atitudes de determinados indivíduos. Os argumentos são “as limitações”, “a falta de experiência” e “a falta de cultura”; o falante verbaliza ainda o início de outro argumento - “a falta” – que acaba por não explicitar, porque interrompe o discurso. Esta interrupção auto-iniciada pode-se considerar a primeira parte de uma reparação (Galhano-Rodrigues, 2007: 263 segs.). A listagem está contextualizada através de a) paralelismo frásico (repetição da expressão “a falta de” no segundo e terceiro ato de listar), b) paralelismo prosódico e c) paralelismo cinésico (através dos gestos de listar e de movimentos da cabeça). Na representação do sinal acústico (FIGURA 1), pode-se constatar que todas as unidades da listagem apresentam parâmetros

idênticos de altura de tom (globalmente descendente) e de intensidade. A primeira unidade da lista, assim como a fase de hesitação subsequente apresentam uma duração quase idêntica, respetivamente de 1.607 e de 1.523 segundos. Os dois atos de listar que se seguem têm uma menor duração, a saber, de 1.104449 e de 1.035897 segundos. É provável que o retardo causado pela hesitação tivesse implicado uma necessidade de recuperar o ritmo iniciado. A menor duração destes dois atos pode ser interpretada como uma forma de compensação da fase de hesitação transcrita nas linhas 17 e 18 (Galhano-Rodrigues, 2007: 688). No que diz respeito aos gestos de listar com os dedos dos pés, constata-se que, à semelhança dos gestos manuais de listagem, cada elemento é marcado por um toque com um dedo diferente (Galhano-Rodrigues, 2015). Não havendo a possibilidade de tocar os dedos com um dedo do outro membro, o falante usa a superfície do chão.

FIGURA 1: Imagem do sinal acústico da sequência (com PRAAT)



Assim sendo, o toque é concretizado pelo contacto do dedo em extensão com o chão, seguido de uma retração, em que o dedo desliza sobre a superfície do solo, da frente para trás, e se eleva ligeiramente a seguir. Devido à diferente mobilidade de cada dedo, este movimento nem sempre é evidente, mas, numa observação cuidada, verifica-se o seguinte: no primeiro elemento da listagem, o dedo ativo é o grande (FOTOGRAMA 2); no segundo elemento, é o segundo dedo que se movimenta para trás e para a frente (FOTOGRAMAS 4-6); na verbalização do terceiro elemento, o terceiro e

quarto dedos são pressionados e ligeiramente elevados (parte-se do princípio de que por uma questão de mobilidade, não é possível que estes dedos se movimentem independentemente) (FOTOGRAFAS 7 e 8). Constata-se ainda que a produção de cada um destes gestos está coordenada com uma ligeira inclinação da cabeça para o lado esquerdo e para baixo. Ao fim do terceiro elemento da listagem, o falante interrompe a atividade de listar para fazer um comentário sobre o último tópico referido, o conceito de cultura (um tipo de interrupção também muito frequente nas listagens). Recorre, para isso, a uma estratégia de autorreparação, constituída pela interrupção da frase iniciada e pela introdução de um aparte, que passa a ser o tema principal, visto o falante não dar continuidade ao tema principal que antecede a interrupção, ou seja, à atividade de listagem.

4. Conclusão

A análise desta sequência mostra que os gestos dos pés podem assumir inteiramente uma função pragmática recorrente dos gestos manuais. À semelhança do que acontece com os indivíduos com braços, a atividade de listagem envolve um paralelismo de características sintáticas, prosódicas e gestuais.

Verifica-se ainda que, apesar dos condicionamentos físicos do falante no que diz respeito à capacidade (mais limitada) de representar gestualmente formas, ele consegue transmitir alguma iconicidade através de combinações de posições do pé, movimentos ágeis dos dedos do pé e percurso do golpe do gesto⁵. Desde já, e apesar da apresentação de apenas um exemplo, parece possível afirmar que a) os gestos dos pés são suscetíveis de desempenhar as funções pragmáticas dos gestos dos membros superiores e b) a atividade de listar parece estar fortemente corporizada, de tal forma que não ficou omitida nesta modalidade “gestual” alternativa.

⁵ A iconicidade dos gestos dos pés não foi tratada neste estudo, mas merece ser aprofundada num trabalho posterior.

5. Da robustez do gesto fantasma

Goldin-Meadow(2003; 2007⁶) refere-se aos gestos dos pés, assim como a gestos fantasma dos membros superiores como sendo testemunhos da robustez do gesto, quer pela sua interligação forte com a fala desde o processo da aquisição da linguagem, quer pela sua presença constante na oralidade. Sobre o caso da gesticulação de Mirabelle, uma jovem que nasceu sem braços, mas que podia sentir os chamados “membros fantasma” (*phantom limbs*) a autora escreve: “[Gesture] comes with talk (...) You don’t have to be taught to gesture. Strangely you don’t even have to have arms to feel yourself gesturing” (Goldin-Meadow, 2003: 241).

Ramachandran e Balkeslee (1998) transcrevem a descrição que Mirabelle faz dos seus gestos fantasma:

Well, because as I’m talking to you, they are gesticulating. They point to objects when I point to things, just like your arms and hands... When I walk, doctor, my phantom arms don’t swing like normal arms, like your arms. They stay frozen on the side, like this. “She stood up, letting her stumps drop straight down on both sides. “But when I talk, “she said, “my phantoms gesticulate. In fact, they’re moving now as I speak (Ramachandran & Balkeslee, 1998: 41).

Depois de contactar Vilayanur Ramachandran sobre este assunto, recebi uma lista de questões que deveria colocar a AC: *Does he wave good-bye with his feet? Does he balance his arms when he moves? How long are his phantom arms?*⁷.

Como Mirabelle, AC confirmou sentir impulsos motores em membros fantasma, confirmou sentir membros fantasma a balançar quando andava.

Juntamente com o que se demonstra nesta análise, estas informações não só evidenciam a capacidade adaptativa e a flexibilidade do cérebro humano, mas também comprovam a robustez do gesto na corporização da linguagem. Trata-se de fenómenos que merecem ser mais explorados em abordagens interdisciplinares.

⁶ Comunicação pessoal, 18 de junho de 2007

⁷ Comunicação pessoal de V. Ramachandran por correio eletrónico, 14.01.2009

REFERÊNCIAS

- Alibali, M. 2014. Embodiment – the body and its role for cognition, emotion, and communication. In: C. Müller; A. Cienki; E. Fricke; S. H. Ladewig; D. McNeill; S. Teßendorf (Eds.). *Body–language–communication: An international handbook on multimodality in human interaction* Berlin: De Gruyter Mouton, 1833-1840.
- Auer, P.; Couper-Kuhlen, E. 1994. Rhythmus und Tempo konversationeller Alltagsprache. *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*, 96, 78-106.
- Boersma, P.; Weenink, D. 2008. *Praat: doing phonetics by computer*. [Computer Program] Version 6.0.37, retrieved 14 March 2018 from <http://www.praat.org/>
- de Ruiter, J.P. 2007. Postcards of the mind: the relationship between speech, imagistic gesture and thought. *Gesture*. 7 (1), 21-38.
- ELAN, the software annotation tool. Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive, Nijmegen, The Netherlands. Open source software. <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/> (acedido a 5 de abril de 2018).
- Enfield, N.J. 2011. Elements of Formulation. In: J. Streeck; C. Goodwin; C. LeBaron (Eds.). *Embodied Interaction. Language and Body in the Material World*. Cambridge: Cambridge University Press, 59-66.
- Enfield, N.J.; Kita, S.; de Ruiter, J.P. 2007. Primary and secondary pragmatic functions of pointing gestures. *Journal of Pragmatics*. 40, 1722–1741.
- Galhano-Rodrigues, I. 2007. *O corpo e a fala*. Lisboa: FCG/FCT.
- Galhano-Rodrigues, I. 2012. Vou buscar ali, ali acima! A multimodalidade da deixis no português europeu. *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. 7, 129-164.
- Galhano-Rodrigues, I. 2015. A tool at hand - gestures and rhythm in listing events: case studies of European and African Portuguese speakers. *OSLa: Oslo Studies in Language*. 7 (1), 253-281.
- Galvão, E.Z. 2015. Gestures. In: F Pöschhacker (Ed.) *Routledge encyclopedia of interpreting studies*. London: Routledge, 552.
- Goldin-Meadow, S. 2003. *Hearing Gesture. How hands help us think*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Goldin-Meadow, S. 2013. How our gestures help us learn? In: C. Müller; A. Cienki; E. Fricke; S.H. Ladewig; D. McNeill; S. Teßendorf (Eds.). *Body–language–communication: An international handbook on multimodality in human interaction*. Berlin: De

- Gruyter Mouton, 792-803.
- Goldin-Meadow, S. 2017. What the hands can tell us about language emergence. *Psychonomic Bulletin and Review*. 24 (1), 213–218. DOI: 10.3758/s13423-016-1074-x.
- Gumperz, J. 1992 Contextualization and understanding. In: A. Duranti A.; C. Goodwin (Eds.). *Rethinking context: Language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 229-252.
- Kendon, A. 2004. *Gesture. Visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kendon, A. 2013. Exploring the utterance roles of visible bodily action: A personal account. In: C. Müller; A. Cienki; E. Fricke; S. Ladewig; D. McNeill; S. Teßendorf (Eds.). *Body, Language, Communication: An international handbook on multimodality in human interaction*. Berlin: Walter de Gruyter, 7-28.
- Kita, S.; Özyürek, A. 2003). What does cross-linguistic variation in semantic coordination of speech and gesture reveal? Evidence for an interface representation of spatial thinking and speaking. *Journal of Memory and Language*. 48, 16–32.
- Ladewig, S. 2014. Recurrent gestures. In: C. Müller; A. Cienki; E. Fricke; S. Ladewig; D. McNeill; J. Bressems (Eds.) *Body – Language – Communication: An international handbook on multimodality in human interaction*. Berlin: de Gruyter, 1558–1574.
- Levinson, S.C.; Holler, J. 2014. The origin of human multi-modal communication. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*. DOI:10.1098/rstb.2013.0302.
- McNeill, D. 1992. *Hand and Mind*. Cambridge: Cambridge University Press.
- McNeill, D. & Duncan, S.D. (2000). Growth points in thinking-for-speaking. In D. McNeill (Ed.), *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 141-161.
- Müller, C. 2013. *Introduction*. In: C. Müller; A. Cienki; E. Fricke; S. Ladewig; D. McNeill; S. Teßendorf (Eds.). *Body, Language, Communication: An international handbook on multimodality in human interaction*. Berlin: Walter de Gruyter, 1-6.
- Müller, C. 2004. Forms and uses of the Palm Up Open Hand: A case of a gesture family? In: C. Müller; R. Posner (Eds.) *The semantics and pragmatics of everyday gestures. Proceedings of the Berlin conference, April 1998*. Berlin: Weidler Buchverlag, 233-256.
- Müller, C; Cienki, A.; Fricke, E.; Ladewig, S.; McNeill, D.; Teßendorf, S. (Eds.) 2013. *Body - Language - Communication: An international handbook on multimodality in human interaction*. (HSK 38.2). Vol. 1. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Müller, C.; Ladewig, S.; Cienki, A.; Fricke, E.; McNeill, D.; Bressems, J. (Eds.) 2014. *Body -*

- Language – Communication: An international handbook on multimodality in human interaction.* (HSK 38.2). Vol. 2. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Özyürek, A.; Kita, S. 1999. Expressing manner and path in English and Turkish: Differences in speech, gesture, and conceptualization. In: M. Hahn; S. C. Stoness (Eds.). *Proceedings of the Twenty-first Annual Conference of the Cognitive Science Society.* London: Erlbaum, 507-512.
- Payrató, L.; Tessendorf, S. 2014. Pragmatic gestures. In: C. Müller; A. Cienki; E. Fricke; S. Ladewig; D. McNeill; J. Bressemer (Eds.) *Body – Language – Communication. Berlin: de Gruyter: An international handbook on multimodality in human interaction.* Berlin: De Gruyter Mouton, 1531-1539.
- Ramachandran, V.; Blakeslee, S. 1998. *Phantoms in the Brain.* New York: Quill.
- Selting, M.; Auer, P.; Barden, B.; Bergman, J.; Couper-Kuhlen, E.; Günthner, S.; Meier, C.; Quasthoff, U.; Schlobinski, P.; Uhmman, S. 1998. Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem (GAT). *Linguistische Berichte.* 173, 91-122.
- Sloetjes, H.; Wittenburg, P. 2008. Annotation by category – ELAN and ISO DCR. *Proceedings of the 6th International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC 2008).*
- Streeck, J. 2009. *Gesturecraft. The manufacture of meaning.* Amsterdam: John Benjamins.
- Streeck, J. 2013. Praxeology of gesture. In: C. Müller; A. Cienki; E. Fricke; S. Ladewig; D. McNeill; S. Teßendorf (Eds.). *Body, Language, Communication: An international handbook on multimodality in human interaction.* Berlin: Walter de Gruyter, 674-688.
- Zlatev, J. 2013. Levels of embodiment and communication. In: C. Müller; A. Cienki; E. Fricke; S. Ladewig; D. McNeill; S. Teßendorf (Eds.). *Body, Language, Communication: An international handbook on multimodality in human interaction.* Berlin: Walter de Gruyter, 533-550.